



SC - Sessão Coordenada de Ensino

Coordenador:
João Kaio Miguel Arruda (UERN)

ENSINAR HISTÓRIA NUMA PERSPECTIVA INCLUSIVA: DISCUSSÕES ACERCA DA EDUCAÇÃO DE SURDOS NUMA ESCOLA ESTADUAL DE CAJAZEIRAS/PB

Jefferson Fernandes de Aquino
ProfHistória/UERN / SEEPB
jeffersonczpb@gmail.com

RESUMO: Educar, numa perspectiva inclusiva, traz consigo desafios que são naturalmente marcados por um histórico de lutas e de conquistas por direitos. Neste sentido, olhar para uma escola inclusiva é enxergar, no futuro uma sociedade cada vez mais igualitária. A nossa pesquisa parte de uma inquietação, oriunda da nossa vivência em sala de aula, quando com contato com alunos surdos. Em suma, pauta-se no questionamento latente de “como trabalhar os conteúdos de História na educação básica para o público surdo e ouvinte?”. E, com vistas a responder a tal questionamento, o desenvolvimento, em sala de aula, de um produto – o *Diccionário* de Conceitos Históricos – reúne o trato dos saberes previstos no currículo de História para o Ensino Médio – especificamente a 3ª série – considerando, para além dos saberes prévios, dos saberes já assimilados, metodologias que visem a inclusão dos alunos com surdez. O presente estudo, portanto, fruto dos resultados de uma pesquisa desenvolvida no âmbito do ProHistória, em uma Escola pública na cidade de Cajazeiras/PB, tem por objetivo refletir no tocante ao ensino de História a alunos surdos e ouvintes numa perspectiva inclusiva. Consideramos, portanto, que as reflexões presentes neste estudo possibilitarão uma reflexão no tocante a educação de surdos e o ensino de História.

Palavras-Chave: Ensino de História; Educação de Surdos; Educação Inclusiva.

1 PRIMEIRAS PALAVRAS...

Este estudo, fruto de uma pesquisa desenvolvida no âmbito do ProfHistória e no chão da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio (EEEFM) Dom Moisés Coêlho, em Cajazeiras, na Paraíba, visa refletir acerca do ensino de História a sujeitos surdos e ouvintes a partir do desenvolvimento de aulas inclusivas e bilíngues (Língua Portuguesa e Libras), pela



elaboração e aplicação do produto final da nossa pesquisa o qual denominamos de *Diciosinalário* de Conceitos Históricos.

Partindo da perspectiva de um trabalho colaborativo em sala de aula, nossa proposta foi de elaborar, a partir de uma análise dos conceitos inerentes aos conteúdos trabalhados, um dicionário e sinalário, portanto o nome que exprime a essência da nossa pesquisa – *Diciosinalário* de Conceitos Históricos. Essa abordagem, possibilitou um aprendizado não somente em História, mas em Libras, proporcionando aulas inclusivas na sala de aula regular.

A pesquisa é fruto de uma inquietação e reflete, ao mesmo tempo, a nossa prática docente na educação básica. Enquanto inquietação, a proposta é uma solução elaborada a fim de envolver todos os estudantes no processo de ensino-aprendizagem em História, visto que esta, pelos estigmas do tradicionalismo educacional, tende a ser vista como uma “matéria” decorativa, na qual basta saber as datas ou o que está nos livros, transcrevendo ali, na avaliação, o que outro escreveu, anulando totalmente a capacidade crítica do estudante.

Desta maneira, pensar num produto que envolva alunos surdos e alunos ouvintes, ao tempo que torná-los protagonistas de seu processo de aprendizagem é o grande desafio que trazemos nesta dissertação e é reflexo também da nossa prática docente, pois acreditamos que ser professor não é apenas carregar-se de livros e conteúdos, adentrar numa sala de aula e achar-se o centro do saber. O olhar o outro é, para o professor, essencial para uma educação mais humanizada.

2 PARA ENSINAR HISTÓRIA A SURDOS E OUVINTES, É PRECISO...

O título deste tópico ancora-se numa paráfrase que ousamos fazer mediante ao escrito *O que deve saber um professor de História?* da historiadora Flávia Caimi (2015) no qual ela afirma que “Para ensinar História a João, é preciso entender de ensinar, de História e de João” (CAIMI, 2015, p.111). Essa fala, que sempre nos impactou, sintetiza, aos olhos da pedagogia e da didática de História, os saberes que quaisquer docentes devem ter ao entrar numa sala de aula, sobretudo no que concerne o ensino inclusivo. No texto que segue, a autora vai apontar que, para se ensinar História é preciso, além de possuir os conhecimentos históricos, ter uma formação que pressuponha o ensino e a necessidade de superar visões reducionistas que sobrepõem o conhecimento histórico às práticas pedagógicas que são igualmente necessárias



no fazer docente. Com isso, permitimo-nos parafraseá-la, visto que, para ensinar História a João, um aluno surdo, é preciso entender de ensinar, de História, do universo da surdez, empatia e de João.

Para nós, pautados também na perspectiva inclusiva em salas regulares, é perceber o outro enquanto indivíduo e membro daquela coletividade que traz, toda a sua perspectiva e visão de mundo. Poderíamos, portanto, discorrer isso frente ao pensamento de Paulo Freire, contudo, pretendemos ir também de encontro com Cerri (2011; 2022) e outros que nos amparam teoricamente.

Cerri (2022), no que tange o seu pensamento da consciência histórica e o ensino de História, põe a sala de aula como um dos espaços de experiência. Para ele, a consciência histórica é algo inerente ao ser humano enquanto ser social, ou seja, a o estar humano no mundo. Segundo Cerri (2022), “Mobilizar a própria consciência histórica não é uma opção, mas uma necessidade de atribuição de significado a um fluxo sobre o qual não tenho controle” (CERRI, 2022, p. 99).

Na narrativa abaixo, a professora e intérprete da Libras, Jeanne Cristine, traz recortes relevantes para a compreensão duma aprendizagem significativa, sobretudo para os surdos. É perceptível, também, na sua fala, a relevância do trabalho colaborativo.

Eu vou pegar um tema fácil! Hoje a aula vai ser sobre... Deixa eu ver aqui... Vamos pegar a História! Hoje a aula vai ser sobre... Como é que os índios foram descobertos aqui, se eles já estavam aqui... Aí você começa a sua aula. Você prepara a sua aula oralizada. Cara! Eu entendo completamente bem! Tu não tem somente uma turma não, tu tem várias, várias turmas. Aí tu vai sentar e vai dizer, mas “pera aí!” nessa sala aqui existem estes alunos surdos. Então como é que eu faço? Quais são as principais palavras aqui da minha aula? “Índio!”. Aí eu vou e recorto um índio. Vai ter o que? Hum! Vai ter padre, vai ter cruz, nessa aula vai ter... E você ir recortando, pra na hora você montar um quadro demonstrativo, uma coisa que fique mais fácil [...] Então, esse vocabulário de sinalização que você quer fazer dentro da História, vai ser uma coisa maravilhosa. Imagina bem! Para isso que existe – e agente já participa há vários meses do – plano de aula, por exemplo, eu digo: “Jefferson, sua aula amanhã vai ser sobre o quê?” Aí você me diz: “Jeanne, amanhã eu vou falar sobre Capitânicas Hereditárias”. Então, eu chego em casa, eu vou dar uma lida no conteúdo que você vai dar. Pode nem ser o mesmo seu, mas alguma coisa vai se bater. (A Intérprete da Libras)



O relato da nossa entrevistada, nos faz aludir a outro trecho de sua entrevista quando nos relata de uma atividade desenvolvida na Escola Especial Francisco de Assis quando da elaboração de um supermercado e que, por esta atividade conseguia não somente trabalhar a Matemática, mas também outras ciências. Quando ela destaca que “o aprendizado deles [os surdos] foi quântico”, compreendemos como significativo, ou seja, eles aprenderam os saberes inerentes aos conteúdos, como também aprenderam a Libras.

Ao trazermos essa fala, substanciamos a essência do *Diciosinalário* de Conceitos Históricos. Essa narrativa e a nossa intencionalidade com a pesquisa e o projeto em sala de aula, corrobora com o pensamento de Cerri (2011):

O aprendizado é, por sua vez, um ato de colocar saberes novos em relação aos saberes anteriores, já que viver implica alguma forma de aprendizado sobre alguma forma de história (no sentido de tempo significado); nesse sentido é um ato de criação de conhecimento, também. (CERRI, 2011, p.69)

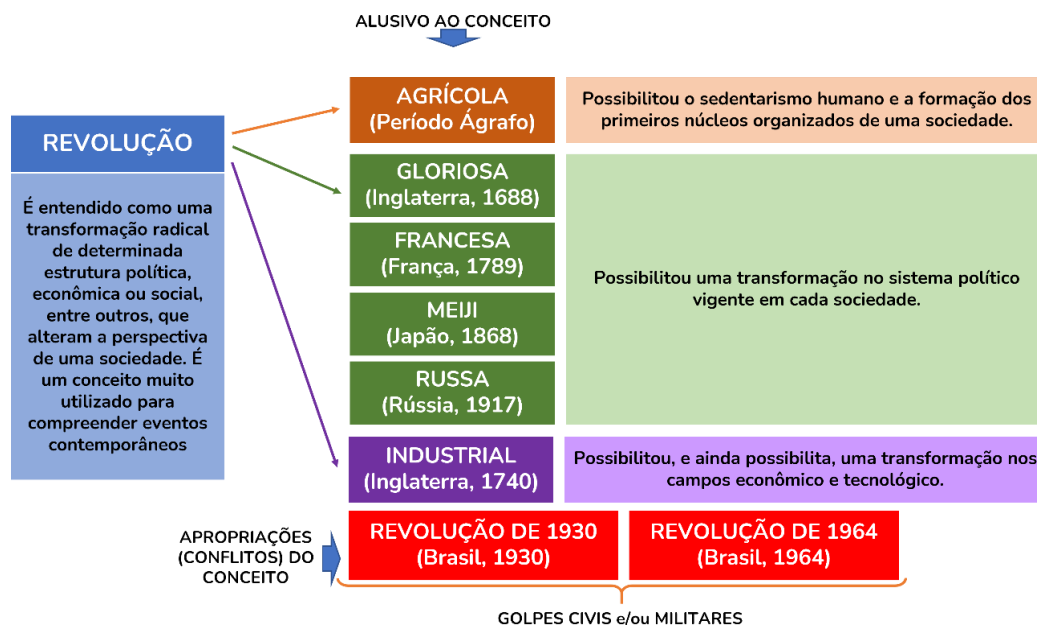
Estamos falando de um aprendizado significativo, o que vai de contra a perspectiva da memorização. O estudo da História na Educação Básica deve servir de espaço de construção e de fomento a uma consciência histórica. Não basta, portanto, saber o que foi a Guerra Fria, é preciso compreender o que ela desencadeou no mundo à época e o que ainda traz de efeitos, a saber, os efeitos que traz, no mundo capitalista, as percepções, até mesmo negativas para a burguesia industrial, das políticas socialista e comunista, por exemplo.

Por que o passado ditatorial de 1964-1985 ainda é latente nas discussões políticas no Brasil, sobretudo na última década? Porque é tão importante para o ser humano a descoberta do espaço? Porque o Brasil é um país marcado por um patriarcalismo e um racismo velado? Por que as pessoas que cometem racismo não são presas, pois são fichadas por injúria racial?

Todas essas perguntas devem ser problematizadas nas aulas de História, sobretudo no Ensino Médio. Neste sentido, a nossa proposta didática não traz somente a busca por conceitos, sinais e a criação de um produto que, por si só, justifica essa dissertação. Ela visa correlacionar passado aos termos e seus conceitos, compreender o porquê do conceito de Revolução, por exemplo, ter tido seu significado sido apropriado por outras condições históricas ao longo do tempo.

Se buscarmos pensar nesse viés, compreenderemos as mudanças e permanências ao longo do tempo, assim como os conflitos (políticos, sociais, étnicos, etc.) neles inseridos. Ao observarmos a Figura 1, abaixo, compreenderemos melhor o que pretendemos explicar.

Figura 1: O Conceito de Revolução e Apropriações Temporais Equivocadas



Fonte: Elaborado pelo autor, 2023.

As representações conceituais que evocamos na figura acima refletem sobre esse processo que outrora mencionamos. As mudanças, as permanências e, sobretudo as apropriações dos termos e seus respectivos conceitos estão associados ao próprio histórico do léxico. O conceito de Revolução é o mais clássico nesse processo, tendo em vista que, mudanças significativas nas estruturas políticas, sociais e econômicas, sobretudo, são muito mais comuns nos eventos pretéritos e dão, portanto, um ar de glória, de renome, o que facilita, ao nosso ver, as apropriações – conflituosas, que levam ao anacronismo e ao negacionismo, muitas vezes esses dois coexistentes – que culminam chamar o processo de golpe civil e militar no Brasil, em 1964, de Revolução. A denotação heroica de um ato inconstitucional alimentava, nos militares à época – e hoje também – de algo que colocaria a vergonha da traição à pátria em segundo plano.



No tocante a educação de surdos, é bem sabido que os materiais didáticos estão aquém de serem bilíngues. São pensados e estruturados para um público ouvinte, daí a necessidade de utilizarmos outros recursos para garantir a acessibilidade aos estudantes surdos. De forma aligeirada pode se pensar: *o surdo só não ouve, mas sabe ler!* Sim! Mas se isso fosse o suficiente, estudos como o nosso e de outros professores e pesquisadores não seriam necessários. Por essa razão endossamos a formatação de um *Diccionário* de Conceitos Históricos para que, atendendo a uma necessidade real e considerando a particularidade da nossa região, a nossa perspectiva visa promover espaços de inclusão que, por si só serão possíveis quando conseguirmos enxergar e ouvir, cada uma a sua maneira, o outro.

Destarte, a relação de estudantes e professores com o livro didático deve ser permeada de significados. É claro que os livros trazem perspectivas, não por isso, eles são escolhidos pelos docentes para compor o seu planejamento.

Neste sentido, coadunamos com o pensamento de Silva (2014). Para ela:

essa complexidade que envolve o livro didático, principalmente o de História, pode implicar para alguns abolir o uso do livro didático nas aulas, mas [...] isso exige cuidado, pois é complicado conduzir o ensino dessa disciplina sem texto escrito. [...] [O] que deve ser visto é o uso desse recurso didático no cotidiano escolar [grifo nosso]. [...] A questão primordial que se coloca é que o “livro ideal (útil para todos) é uma utopia. Sempre haverá divergência sobre formatos, projetos pedagógicos, correntes historiográficas, personagens, fatos e abordagens, etc., que devam compor o manual escolar” (OLIVEIRA *et al.*, 2017, p.55). [...] É importante, assim, avançar a nossa perspectiva sobre o que realmente se pensa sobre o livro didático: terá o livro didático ainda significância em meio a outros recursos que sabemos existir em muitas escolas públicas? [grifo nosso]. (SILVA, 2014, p.54-55)

O extrato, com observância as partes por nós destacadas, reflete na relevância do livro, não como único recurso, o seu uso é parte do planejamento docente. Não pode, o professor, historicizar os fatos apenas com o poder da narrativa. Ela é muito importante, mas de onde se tirou essa informação? Ora, se num universo acadêmico somos levados a buscar por pesquisadores que corroboram com o nosso pensamento, endossando, por sua vez, a nossa perspectiva, porque no âmbito escolar faríamos diferente? Destarte, o livro didático é esse aporte teórico que a autora ratifica ao problematizar a utilização deste recurso nas salas de aula.



Assim como o docente não é detentor do saber e nem tampouco representa essa “caixa de Pandora” capaz de direcionar os estudantes a um único pensamento, o livro também não o é. Ambos se completam. Ambos igualmente necessitam de complementação com outras fontes. Não podemos falar em aprendizagem histórica, aprendizagem significativa, por exemplo, sem compreendermos a função de cada recurso, de cada ação, de cada particularidade no universo das aulas de História.

3 O DICIOSINALÁRIO DE CONCEITOS HISTÓRICOS: entre o método, a aplicação e os resultados

Utilizamos, para coleta e análise dos dados a pesquisa-ação. Conforme preconiza David Tripp (2005), no tocante ao método, a ação e a investigação acontecem simultaneamente, visto que, como dissemos anteriormente, tal metodologia visa responder um questionamento, formulado pelo pesquisador que, por sua vez, implementa a resposta proposta (ação) para colher os dados necessários (investigação).

Portanto, os ciclos da nossa pesquisa demonstram o passo a passo que nos permite analisar os resultados ao longo da sua aplicação. Para tanto, é importante frisarmos que, o ciclo de aplicação do *Diciosinalário* de Conceitos Históricos difere do ciclo da metodologia da pesquisa. Com isso, ressaltamos que, para efeitos de análise dos dados coletados, o ciclo da pesquisa-ação caminhou para os estágios, sendo o primeiro ciclo, no âmbito do planejamento. Trazemos, para este momento, informações relevantes de como pensamos as aulas, ou seja, da coleta dos dados para fornecermos aos alunos como subsídio teórico para que eles pudessem, previamente e com autonomia, trazer para a aula os questionamentos, como também os termos e os conceitos que outrora vislumbramos no nosso planejamento, ao tempo que também a possibilidade de proposição de outros termos. Em sala, a metodologia empregada para a discussão desses dados resultou na formatação do *Diciosinalário* de Conceitos Históricos.

Tal discussão nos leva a compreender, no segundo ciclo, as discussões em sala, isso porque, precisamos de estabelecer um diálogo entre essas duas fontes a fim de extrair, ao máximo, os dados necessários para a interpretação científica da pesquisa que propomos. Para tal, utilizamos de um diário de bordo, que consta das anotações realizadas após e, algumas



vezes, durante as aulas, dialoga fluentemente com as discussões em sala e com a produção do produto final, a saber, o *Diciosinalário* de Conceitos Históricos.

O terceiro ciclo traz consigo o ponto de reflexão oriundo do processo investigativo da pesquisa. Assim como todo cientista, o historiador olha para as fontes a fim de estabelecer um diálogo, um elo que lhe permita compreender o passado, as relações sociais. No nosso caso, por se tratar de uma pesquisa no campo do Ensino de História, nos concede acesso irrestrito ao processo que finda no âmbito do ensino e da aprendizagem histórica. Com isso, ao nos debruçarmos sobre o diário de bordo e as falas dos estudantes em entrevista e pela roda de conversa, compreendemos a relevância de trabalhar a História por meio dos seus conceitos e de um trabalho voltado ao ensino a pessoas surdas.

O quarto ciclo, também no campo da investigação, remete-se a uma nova ação a ser planejada. No âmbito da metodologia da pesquisa-ação, esta é uma etapa de ponderar os erros ou exageros cometidos, pontos que precisam ser aprimorados numa ação posterior já devem constar no (re)planejamento da ação. No que tange a nossa pesquisa, como trabalhamos com um plano a cada ação, visto que, além dos conteúdos serem diferentes, o que por si só já trazem consigo abordagens, discussões e, sobretudo, fontes diferentes, isso nos permitiu (re)pensar novas estratégias para superar os pontos falhos. O que, para a realidade na qual a escola se encontra, foi deveras desafiador.

Cabe ressaltar que, neste momento de aplicação, coleta e análise dos dados, encontramos-nos com um desafio: no início do ano letivo, devido ao alto volume de chuvas que atingiram a cidade, parte da estrutura – uma área alpendrada, que servia de cobertura para os corredores da instituição – caiu, fato que provocou a interdição de parte do prédio e suspensão das aulas, migrando para o ensino remoto. Mediante esta situação, acomunado com outros professores conseguimos a liberação de uma sala no prédio do Tiro de Guerra do Exército Brasileiro e, tão logo após, a escola estabeleceu um sistema de rodízios que proporcionou as aulas presenciais.

Diante desta realidade e, tomando por base a sala de aula invertida, como principal metodologia ativa, ao tempo de buscamos trazer outras estratégias para que, em sala de aula, pudessemos captar dos estudantes mais de sua visão de mundo, compreensão da realidade e, por conseguinte, sua associação com os fatos pretéritos – presentes no currículo.



No tocante ao planejamento, há três pontos que consideramos ao estabelecer as estratégias metodológicas a serem utilizadas em sala de aula: o primeiro é no que concerne a própria estruturação da sala de aula invertida como metodologia ativa.

Consideramos, para este primeiro ponto, dois fatores, o primeiro deles, o porquê da sua escolha, ou seja, por que optamos por trabalhar com a sala de aula invertida. E, neste sentido, vislumbramos uma otimização do tempo em sala de aula. Para Bergmann e Sams (2021, p.11), criadores desta metodologia, o seu conceito é simples e está atrelado, basicamente, ao fato de que, há uma inversão no tocante ao que é feito tradicionalmente em sala de aula, agora é executado em casa e o que, tradicionalmente, era feito em casa, passa a ser feito em sala de aula.

Neste sentido, a utilização de ferramentas digitais como vídeos extraídos do YouTube, textos e outros recursos que, seriam para discussão em sala, passam a ser instrumentos importantes para que, em casa, o estudante possa estudar e, no ambiente escolar, fomentar uma discussão no entorno do tema que será conduzido não somente pelo professor, mas por todos os estudantes.

O segundo ponto concerne na escolha dos vídeos a serem utilizados nas atividades prévias à sala de aula. Considerando o pensamento de Bergamann e Sams (2021):

Usar vídeos produzidos por outros professores, em vez de fazer os próprios vídeos, talvez seja a melhor opção para quem está começando a inverter a sala de aula. Talvez você queira fazer a inversão, mas não tenha tempo para produzir os próprios vídeos. [...] Com a explosão do YouTube e outros websites de compartilhamento de vídeos, a quantidade de vídeos disponíveis está crescendo [grifo nosso]. Muitos deles podem ser usados em uma sala de aula invertida. (p.32)

O extrato acima reflete bem sobre a utilização de recursos digitais, a saber, videoaulas quer seja de autoria do docente, quer seja de outros docentes. No destaque que fizemos, podemos elencar a pandemia da Covid-19 e a migração do ensino para o meio on-line, remoto, como uma forte contribuinte para o aumento de canais com conteúdo escolarizado por diversos professores e sistemas de ensino.

A escolha dos vídeos também respeitou ao cuidado do tempo. Aprendemos com o ensino remoto que, vídeos longos, desinteressa ao público estudantil e que a didática do docente é muito importante. Compreendemos que, para uma aula invertida, incoerente se cobrar o

mesmo tempo em casa do que ele dispõe na escola. Isto porque ambos ambientes têm a sua dinâmica própria e, por mais que o estudante tenha um autocontrole e saiba administrar seu tempo, há de se considerar que: longo tempo de frente a uma tela, sem um diálogo expresso como o que geralmente se estabelece nas aulas, além de desprender de uma gama de informações, cansa a mente e prejudica a assimilação dos saberes.

Neste sentido, intercalamos, entre os vídeos bilingues (Libras e Português) e os com legenda, mas desde que atendessem aos critérios estabelecidos no planejamento docente. A Figura 2, logo abaixo, mostra um dos vídeos que utilizamos em formato bilingue:

Figura 2: Videoaula sobre Primeira Guerra Mundial (formato bilingue)



Fonte: Canal Pre-vestibular CECIERJ, Youtube. Acesso em 16 mai 2023.

A intenção, ao trazermos recursos como o citado acima, é de perceber o planejamento das aulas de História considerando todos os sujeitos da turma e em lugar de ministrar uma aula tipicamente voltada para o público ouvinte com adaptações aos surdos, desta forma estaríamos incorrendo de um erro crasso que é o inverso do que propomos para a nossa pesquisa. Destarte, não é o *Diccionario* de Conceitos Históricos que é o agente promotor de inclusão, mas sim todo o conjunto que culminam nele.

Considerando que os recursos visuais, sobretudo aos estudantes surdos, são de suma importância, a adoção de vídeos que trouxessem consigo, prioritariamente, uma leitura em Libras ou, na sua ausência, a utilização de recursos que permitam assimilar os fatos históricos, é de suma importância para fomentarmos uma aprendizagem histórica.



Na figura abaixo temos um registro de uma das atividades remotas que realizamos. Nela consta um mapa mental, elaborado por nós, e trazia como tema a exploração das minas no período colonial.

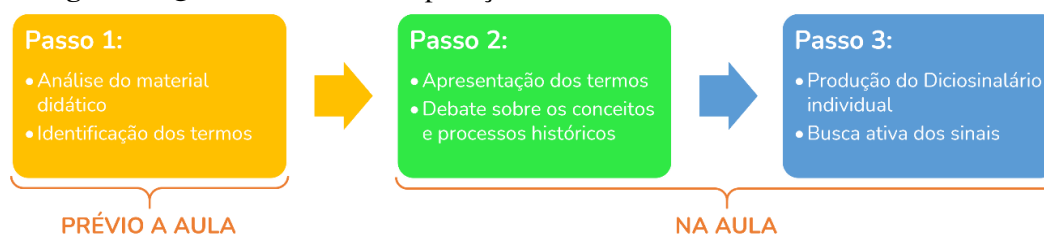
Figura 3: Aula remota ministrada pelo professor.



Fonte: Acervo do autor (2023)

A utilização desses recursos possibilitou conseguirmos uma discussão mais aprofundada dos processos históricos, ponderássemos os saberes históricos já assimilados em outro momento da vida estudantil, visão de mundo, e, a fim de termos mais proximidade nessa relação entre o conceito e o contexto histórico, visamos facilitar, inclusive, a própria busca ativa dos sinais, terceiro passo na execução do produto final – conforme demonstra o quadro abaixo (Figura 4).

Figura 4: Quadro – Passos da aplicação do *Diciosinalário* de Conceitos Históricos



Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

No tocante ao envio do material prévio a aula, pelo grupo de Whatsapp, como demonstrado anteriormente, o uso de uma linguagem mais coloquial precede um diálogo mais próximo do corpo discente. Somado a isso e, pautados na realidade atual da instituição, a utilização de um questionamento norteador e uma atividade – que foge um pouco da proposta da sala de aula invertida, mas não impede que os procedimentos metodológicos surtam o mesmo



efeito – tende a ser um provocativo a novos questionamentos e fixação daquilo que fora assimilado. Para além disso, essa abordagem também se pauta na observação que tivemos da turma, percebemos que estão habituados ao ensino tradicional e à atividade mecânica, ou seja, implica dizer que necessitam da escrita e de um norte e, para obtermos o resultado desejado para a ação planejada, adequamos o método pensado por Bergmann e Sams (2021) a realidade da Escola Estadual Dom Moisés Coêlho, em Cajazeiras/PB.

Outro processo importante dentro da nossa pesquisa foi a busca pelos sinais e a produção do próprio *Diciosinalário* de Conceitos Históricos. Apesar de propormos, em nosso planejamento, que cada aluno tivesse o seu, reiteramos a necessidade de construirmos um produto que refletisse a identidade de cada um, portanto, um produto colaborativo, isto também respaldados na perspectiva de que este poderá servir de embasamento para estudantes surdos, ouvintes e docentes de História.

Figura 5: Passos da produção do *Diciosinalário* de Conceitos Históricos



Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

Como se observa na figura acima, o primeiro passo para a concretização do produto final desta pesquisa, após termos passado por todos os estágios que até aqui mencionamos, é a busca dos sinais. Ancoramo-nos, sobretudo, no contexto para o ensino de História, no entanto, outros fatores devem ser considerados, visto que, há sinais que já existem, mesmo atendendo as regionalidades da Libras; há sinais que podem ser usados como sinônimos e, para isso, é pertinente termos posse dos conceitos trabalhados em sala. De nada adianta, por exemplo, buscar o sinal de Inconfidência, por exemplo, se não compreender o que é uma Inconfidência.

Esse processo só foi realizado, porque, acima de tudo, tivemos um trabalho colaborativo. Assim, o passo inicial foi realizar essa busca pelos sinais no YouTube. Assim fizemos para certificarmos da existência do sinal e não incorrerem no erro de criar outro, bem como para encontrarmos sinônimos, ressaltando que, todos eles, coligados ao conceito que outrora foi trabalhado. Para além disso, os próprios alunos surdos e intérprete da Libras auxiliaram em todo o processo como se ilustram na Figura 6, quando observamos esse processo de busca por duas alunas e, na Figura 7 que traz o momento de interação entre estudantes surdos e ouvintes neste processo.

Figura 6: Alunas na busca pelos sinais



Fonte: Da pesquisa

Figura 7: Diálogo entre estudantes surdos e ouvintes na busca pelos sinais



Fonte: Da pesquisa

Cabe ressaltar, como dissemos anteriormente, que este processo nos auxiliou buscar sinais já existentes, como, por exemplo, os de *voto*, *república*, *nação*, entre outros, bem como perceber as regionalidades. Para além disso, nos proporcionou ver sinônimos ou até mesmo junção de sinais que coadunavam com o conceito trabalhado em sala, como foi o caso de *missão civilizatória* que juntamos os sinais de *missão* e *civilização/civilizado*. Ou, na inexistência ou concordância, criamos o sinal. Por esta razão, o acompanhamento, como observamos na Figura 89, dos estudantes surdos neste processo.

As figuras, portanto, aludem ao trabalho colaborativo que buscamos desenvolver em sala de aula como premissa para uma ação inclusiva na turma. Destarte, como objetivamos construir um dicionário e sinalário dos conceitos que trabalhamos em sala de aula, as ações primaram pelo trabalho em equipe, pelo conhecimento – mesmo que básico – com a Libras e, sobretudo, pelo envolvimento de todos os estudantes. Por se tratar de um trabalho colaborativo,



observamos, na execução de cada atividade, uma interação maior entre os estudantes surdos e ouvintes.

É importante vermos a função dos conceitos e o seu impacto em cada temporalidade. Isso podemos evidenciar pelo próprio resultado desta pesquisa. Ao vermos, conceitos como *inconfidência*, *conjuração*, *neocolonialismo* e *metrópole*, este último associada a ideia de um centro dominador, de colonizador, e vamos à busca dos seus respectivos sinais e necessitamos adequar o seu sinônimo, percebemos dois pontos importantes: o primeiro deles é o **desuso histórico**, que é muito comum na própria dinâmica do tempo, considerando que alguns conceitos são inerentes a um dado contexto histórico, não se perpetuam, eles tendem a desaparecer ou se resumirem aos livros de História; o segundo deles é o que, segundo Koselleck (2020) reflete-se na **experiência humana no tempo histórico**, para ele,

a história dos conceitos não reflete e modo simples os interesses materiais ou políticos – ainda que também o faça. A história dos conceitos mostra, antes, que nela estão contidas performances linguísticas próprias que têm de ser entabuladas por todos os que buscam conhecer e influenciar o mundo a que pertencem. Os conceitos, portanto, têm também uma história própria, imanente à língua (KOSELLECK, 2020, p.64).

Este pensamento, que endossa o nosso olhar, em sala de aula, ao trabalharmos tais conceitos. Coaduna com a filosofia desta pesquisa, pois, ao analisarmos a relação conceitual com o processo de ensino e aprendizagem, percebemos que fica muito mais fácil – sobretudo para dialogarmos melhor no tocante aos sinais destes conceitos – quando se (re)conhece a relevância e o sentido históricos de cada palavra e expressão.

Nesta mesma linha de raciocínio trazida por Koselleck (2020), vemos que conceitos como *voto/votar* (Figura 8) e *constituição* (Figura 9), por exemplo, por estarem latentes na sociedade contemporânea, são mais fáceis de encontrarmos seus sinais e, sobretudo de os estudantes compreenderem o seu sentido histórico, pois ali está atrelado, também, a sua visão de mundo e experiências pessoais.



Figura 8: Aluno Surdo fazendo o sinal de “Voto/Votar”



Fonte: Do autor da pesquisa (2023)

Figura 9: Aluna Surda fazendo o sinal de “Constituição”



Fonte: Do autor da pesquisa (2023)

Considerando que a Libras é uma língua que se desenvolveu historicamente num passado próximo e o seu uso objetiva uma comunicação ampla dos surdos com o universo a sua volta, é notório que, sinais de conceitos que permaneceram no passado inexistentam, o que nos conduz a buscar, como vimos afirmando, pelos seus sinônimos embasados nos seus respectivos significados.

Essa soma nos possibilitou, por exemplo, a olhar para aqueles conceitos que, como dissemos anteriormente, permaneceram ao passado em que foram originados e estabelecer um sinal coerente e de fácil compreensão/assimilação.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos estimular ao longo de nossas aulas esse olhar crítico sobre o passado, quer seja por análises com fontes históricas, quer seja por questões mais sutis como, por exemplo, o uso de uma crase indicando “ao modo de” para indicar uma República a moda brasileira (*República à Brasileira*). Para Cerri (2011), a consciência histórica não é histórica somente porque se remete aos processos de nossa vida ou da sociedade na qual estamos inseridos ao longo do tempo, ela o é, pois é afetada, assim como todas as coisas históricas, pelas marcas do tempo (p.83). Essas marcas estão presentes, por exemplo, na nossa identidade cultural, nas relações impostas pela própria sociedade, mas, sobretudo, pelo nosso lugar de fala.



O presente trabalho, portanto, fruto de uma pesquisa desenvolvida no âmbito de uma escola pública, com estudantes surdos e ouvintes, no alto sertão paraibano, sob contextos diversos, é, para além de um sinônimo de persistência no tocante a práticas inclusivas, uma forma de mostrar que é possível se mobilizar no tocante a perspectivas que envolvam todos os estudantes e quebrar as barreiras intransponíveis que a sociedade construiu ao longo da história. É reconhecimento, é autonomia aos estudantes e, sobretudo, é uma forma de evidenciar práticas que permitem um aprendizado significativo nos campos da linguagem e da historicidade.

Partindo da pergunta/problemática que norteou a nossa pesquisa, a resposta se remete a uma série de metodologias que, apesar de girarem em torno do *Diccionario* de Conceitos Históricos como produto e um dos recursos utilizados em sala para a promoção de um Ensino de História Bilingue e Inclusivo, permearam as nossas atividades na turma da 3ª série do Ensino Médio na Escola Estadual Dom Moisés Coêlho.

REFERÊNCIAS

- BERGMANN, Jonathan; SAMS, Aaron. **Sala de Aula Invertida:** uma metodologia ativa de aprendizagem. Afonso Celso da Cunha Serra (trad.). Rio de Janeiro: LTC, 2021.
- CERRI, Luis Fernando. **Ensino de História e Consciência Histórica:** implicações didáticas de uma discussão contemporânea. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2011.
- CERRI, Luis Fernando. **Os Conceitos de Consciência Histórica e os Desafios da Didática da História.** Revista de História Regional, [S. l.], v. 6, n. 2, 2007. Disponível em: <<https://revistas.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2133>>. Acesso em: 17 set. 2022.
- KOSELLECK, Reinart. **História de Conceitos:** estudos sobre a semântica e a pragmática da linguagem política e social. Tradução: Markus Hediger. Rio de Janeiro, Contraponto, 2020.
- SILVA, Isaíde Bandeira da. **O Livro Didático de História no Cotidiano Escolar.** Curitiba: Appris, 2014.